

EM

CULTURA

## ARTES CÊNICAS

## Um balé muito elegante

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

A nova criação do Grupo Corpo, *Lecuona*, é daquelas obras que fazem a gente sair feliz do teatro. O melhor sintoma disso é a impressão que provoca, de que foi curto demais, de que a gente gostaria de mais uma ou duas das histórias de amor e paixão dançadas que o coreógrafo Rodrigo Pederneiras está nos mostrando. Como faziam aqueles musicais antigos da Metro, que tinham pouco a dizer e, exatamente por causa disso, diziam muito. Diziam da fragilidade da condição humana, e diziam como, por causa disso, a vida deveria ser aproveitada em coisas boas e importantes, a exemplo do amor, e não em questões grandiosas mas fúteis, como o conflito.

*Lecuona* nos diz disso tudo. E, ao fazê-lo, acaba sendo uma obra cuja contemporaneidade chega

a ser pungente. Em tempo de guerra, nada melhor que falar do amor. Em tempo de conflito, é bom lembrar que todos os conflitos têm solução. Em tempo de intolerância, é perfeita a metáfora de que cada pessoa, ou grupo de pessoas, é diferente de todas as outras pessoas ou grupos de pessoas, mas no fim das contas, são todos iguais no amor e, portanto, em sua humanidade. Cada um dos 12 duos de *Lecuona* se diferencia radicalmente de todos os outros; mas seus bailarinos estarão todos dançando a mesma dança no baile final, num grande salão espelhado que multiplica os casais ao infinito. Constróem no palco uma utópica imagem de todos os casais possíveis no mundo, ou seja, de todos nós. Há algo da melhor política em *Lecuona*, aquela que fala do ser humano, e não de partidos, eleições, poder ou guerras.

O melhor de tudo é que *Lecuona* faz tudo isso de maneira que só pode ser chamada de "elegante". O Grupo já teve balés bonitos, belos, sublimes, revolucionários, brejeiros, provocantes ou merecedores de outros adjetivos mais. Desta vez, fez um balé elegante. Deve haver poucas coisas tão elegantes quanto a luz de Paulo Pederneiras e Fernando Velloso combinando com a cor do vestido das bailarinas. Mais elegante ainda por ficar quieta em seu lugar, discreta e sem efeitos, como se fosse simples, como se sua precisão fosse a coisa mais fácil do mundo.

Deve haver poucas coisas tão elegantes quanto os beijos da coreografia, impressões de beijo, interrompidas pela escuridão, capazes de fazer imaginar o que viria depois, mas fugazes o bastante para não expor nem bailarinos nem espectadores.

Deve haver pouca coisa tão elegante quanto construir uma valsa sobre uma música que não é de valsa. E qualquer espectador vai morrer de inveja dos vestidos de baile e dos saltos altos das moças, dos sapatos de verniz e das roupas malandras dos rapazes, tudo culpa de Freusa Zechmeister.

E *Lecuona* ameaça ficar mais elegante a cada dia: a estréia em São Paulo não teve beijos como os de Rodrigo, Fernando ou Freusa nos bailarinos, durante os agradecimentos. Nem a repetição da música final durante a saída do público – novamente, como num daqueles velhos musicais, que depois que acabam ainda têm a generosidade de nos oferecer um pouco de seu sabor. *Lecuona* é obra generosa. Com seus artistas, com seus espectadores, com sua época.

Cada duo criado por Rodrigo Pederneiras em "*Lecuona*" se diferencia radicalmente do outro

